

pelo qual paguel um dinheiro.

— Leandro?

— Que é?

— Porque você não convida o José para um jantar amanhã em sua casa? Lá, você que é amigo dele, dá-lhe de beber bastante e vê se ele confessa alguma coisa. Você sabe que quando ele bebe, fica todo expansivo.

— Realmente não é má a idéia, Sônia. Vou falar com a Alba e depois com ele.

— Fale, Leandro, pois jamais poderei acreditar que o Zezinho fizesse uma coisa dessas comigo. A noite será um suplício terrível para mim olhar para o rosto daquele cínico e ficar calada.

— Contenha-se, porém, pois afinal as coisas não estão assim tão más, apesar de ter perdido o meu dinheiro. Você sabe que sempre amá-la-ei...

— Esta bem, querido. Vou desligar porque estou com uma dor de cabeça, muito forte. Até amanhã.

\*\*\*

No dia seguinte, às oito horas da noite José, todo empergigado no seu terno de cerimônia, tocou a campainha da luxuosa casa de Leandro. Ao seu lado, fascinante num vestido de seda negro, em que só contrastava o níveo busto e o rosto mais alvo do que de costume, embora sombreado por olheiras, estava Sônia.

Leandro abriu a porta, cumprimentando-os efusivamente.

O jantar transcorreu normalmente. Depois os homens retiraram-se para a sala de visitas, enquanto as mulheres subiam para o "toilette".

Decorrida meia hora de palestra, entremeada de bons drinques, Leandro e José ouviram um grito de mulher. Subiram apressadamente as escadas e, como houvesse luz no quarto de Alba, correram para lá. Leandro mal chegou até a porta, parou, porém, estarrecido, enquanto, José debruçava-se no seu ombro.

No interior do quarto, Sônia encontrava-se caída no chão desmaiada, enquanto Alba segurava com ambas as mãos, sem saber o que fazer e sem se dar conta com a causa da vertigem, o casaco de peles que Leandro comprara.

## Homem e Mundo

### ANDRÉ SUARÈS, O SOLITÁRIO DE PARIS

De EVARISTO DE MORAIS FILHO

**H**A solidão por amor ao próprio isolamento e solidão por ódio à sociedade. A primeira é a do santo, a segunda é a do misântropo. André Suarès, que andou por este mundo entre 1868 e 1948, está no segundo caso. Passou os últimos anos de sua vida isolado no centro da mais requintada e sociável cidade do mundo, lembrando o homem de Emerson, que permanece surdo no meio da multidão que grita ao seu redor. E a verdadeira solidão é esta, porque no deserto de Sahara ninguém é isolado porque deseja, tem-se de ser solitário por força, quer queira ou não. Mas trancar-se num apartamento, em pleno centro da cidade, ver a vida que vive embaixo, ouvir as vozes que sobem por entre os arranha-céus, o resistir à tentação, é ser solitário, é ser asceta. E' como o Paphnúcio, trepado numa coluna, ao relento, sem se alimentar, exposto à curiosidade pública. De nada adiantou, por exemplo, a Santo Antão fugir para as montanhas e para o deserto. As tentações não o abandonavam nunca, seguiam-no como lobos famintos. Quanto mais só, mais o freqüentavam as idéias más. Por toda parte estava o Diabo a rondar-lhe a porta, "Ah! démence! démence! Est-ce ma faute? La prière m'est intolérable! J'ai le coeur plus sec qu'un rocher! Autrefois il débordait d'amour!...", exclama o **Saint -Antoine**, de Flaubert.

Pois bem, Suarès viveu numa penitência voluntária e dolorosa, numa exaltação desesperada de todos os instantes. Espírito livre e nobre, nunca soube descer e confundir-se com a banalidade da vida que lhe espreitava à porta. Como o prisioneiro de Papini, trancou-se e entregou a chave da sua prisão a alguém que morreu ou a perdeu, porque nunca mais voltou para lhe abrir os caminhos do mundo. Esqueceu-se dele. E até os fins de seus dias permaneceu Suarès fiel a si mesmo e ao seu destino, à espera desse algum que não existe, num imenso suplício de orgulho e de sofrimento. Ali ruminou o seu ódio pela humanidade e preparou as suas armas para um combate de que poucos se aperceberam. Constituiu um combate de todas as horas: entre ele e o resto dos outros homens. Em cada transeunte que passava ele via um inimigo a rondar-lhe a porta. Em cada livreiro que o procurava ele via um espião a devassar-lhe a fortaleza. E nessa atmosfera fantástica de perseguição e de angústia, prosseguiu Suarès sempre triste e só, como quem luta com moinhos de ventos... Enquanto esperava o homem que vingou o gênero humano e fugiu com a chave, compôs música e estudou matemática. E talvez por isso, de propósito ou por esquecimento, ele nunca mais tenha feito a barba. Seus cabelos caíam-lhe até os ombros e a barba estendia-se em ponta, numa caracterização bíblica ou teatral de profeta perdido na supercivilizada Paris.

Suarès e Nietzsche foram duas vidas paralelas em inúmeros pontos, sendo que até a música os aproximou. E, interessante, como os grandes solitários amam a música ou a matemática! Beethoven também foi um grande solitário. Pascal foi outro. Parece que a música, como a mais universal das artes, os ajuda a suportar a solidão. Como os soldados, que levam álcool e açúcar para as grandes manobras nos Alpes, eles levam música e matemática... Mas Suarès foi um revoltado, que odeia a humanidade e confessa o seu ódio. Por não suportar a vida entre os homens é que ele viveu só. Beethoven, não. Ele era solitário pela surdez, que o proibia de se comunicar com os seus semelhantes. Mas como ele os amava! Que o digam as mulheres... O seu testamento de 6 de outubro de 1802 começa assim: "Ó vós, homens que me considerais ou me dizeis rançoso, louco ou misântropo, como sois injustos comigo". Depois de se referir à sua enfermidade, acrescenta: "Perdoai-me, pois, se me vedes afastado, quando quereria misturar-me convosco".

Outros, como Papini, dizem ser solitários por amar demais a humanidade. Quando longe dos homens, em abstrato, ama-os

CONCLUI NA PAGINA 62